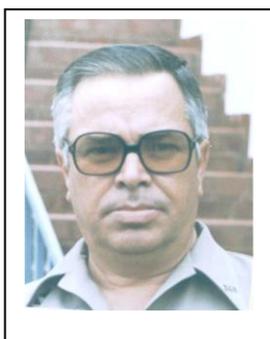


FHE **POUPEX** **CANGUÇU-RS HOMENAGEM A LUIZ CARLOS BARBOSA LESSA**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Digitalização de artigo do autor para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa para ser integrada no Programa Pérgamumj de bibliotecas do Exército

HOMENAGENS À BARBOSA LESSA 1ª PARTE

DEPOIMENTO DO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO

(Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul(IHTRGS) e das academias de História Militar Terrestre do Brasil(AHIMTB) e da Canguçuense de História(ACANDHIS)

O Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e as academias de História Militar Terrestre do Brasil e a Canguçuense de História, e mais o Piquete Barbosa Lessa se associam às homenagens ao ilustre escritor e sobretudo tradicionalista Luiz Carlos Barbosa Lessa, falecido em Camaquã em 10Mar2002, aos 72 anos e consagrado, de justiça na voz da História, como um dos gaúchos do século XX, pela projeção de sua obra, traduzida pela expansão do tradicionalismo gaúcho no Rio Grande, Brasil e Exterior, a partir do 35 CTG, de cuja fundação participou em 1948 e onde exerceu seu apostolado tradicionalista, cuja filosofia traduziu na tese **O Sentido e o Valor do Tradicionalismo** (Porto Alegre,1954), aprovada no 1º Congresso Tradicionalista em 1954 e reeditada em Porto Alegre, na Comissão Gaúcha de Folclore em 1979.

Luiz Carlos, como era conhecido e tratado em família, era nosso primo por parte de mãe e descendente de Carlos Norberto Moreira, meu avô e seu bisavô, e, de quem penso, herdamos o gosto pela letras.

Ele nasceu acidentalmente em Piratini, em 03Dez1929, filho de canguçuenses, com diferença de 2 anos de mim, pois nasceu em 1929 e eu em 1931. Fui trazido ao mundo por seu pai, Dr. Luiz de Oliveira Lessa, que foi o parteiro e de quem meus pais eram padrinhos de casamento. E a foto do casamento dos pais de Lessa foi entronizada na sala de minha casa e por mim reproduzida mais tarde em meu livro **Canguçu, reencontro com a História**. Como também ocupou local de destaque, na sala de estar, enorme vaso de fundo azul com um motivo japonês, ao que recordo, pintado por sua mãe e por ela oferecido à minha mãe.

Convivemos na infância, na meninice, na adolescência e na mocidade, em Canguçu. Ele foi finamente educado por sua mãe Alda Moreira Barbosa Lessa, que tanto marcou minha infância por sua simpatia, delicadeza, sensibilidade artística e sobretudo atenções carinhosas a este seu primo.

Era uma grande dama ! A ela Lessa e seu irmão Paulo, canguçuense, devem a fina educação e orientação para as atividades em que ambos vieram a se consagrar e coroada, com o exercício pelos dois, das funções de secretário de Governo do Rio Grande do Sul.

Luiz Carlos cursou o Ginásio Gonzaga em Pelotas em 1941/44, durante a 2ª Guerra Mundial. E ali revelou o seu talento de escritor no jornal do ginásio **O Gonzagueano**. E nele estreou com temas de História Militar do Brasil, fato que chamou a nossa atenção como historiador militar brasileiro, fundador e presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Assim estreou em 1942 na 2ª série ginásial e aos 12 anos no **Gonzagueano** nº 7, com o artigo **Duque de Caxias**, o pacificador da Revolução Farroupilha, atual patrono do Exército e da citada Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Personagem que defendeu

por 30 anos no Senado os interesses do Rio Grande, cujos destinos presidiu por duas vezes.

No nº 8 abordou **A Valsa da guerra**. No nº 11 publicou **O Gauchinho de Triunfo**, abordando seu ídolo desde menino em Piratini, o Gen Bento Gonçalves da Silva. No nº 17, em 1943, escreveu sobre a **Proclamação da República**. Ato este de consolidação da idéia de República que fora proclamada em Campo do Menezes, evento conseqüência do dia anterior, 10Set1836, da vitoriosa Batalha do Seival, vencida por Antônio Neto, tendo por tropa 2 esquadrões a duas companhias cada, sendo uma companhia de Piratini, outra do distrito de Canguçu, outra do distrito de Bagé, até o Piraí, e outra do atual município de Cerrito, conforme abordamos amplamente em nosso **O Exército farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992.2v).

De contexto histórico militar, Luiz Carlos escreveria **República das Carretas** (romance farrapo). Em vidas ilustres abordou **Henrique Dias, Fernão Dias Pais Leme, André Vidal de Negreiros, Almirante Barroso e Almirante Tamandaré**. Na Revista **Província de São Pedro** /nº 7, escreveu **A Retirada de São José do Norte**. E no **Julinho** escreveu **Nas pontas de Ituzaingó**, 1948. Em 02Fev1952 escreveu **Centenário da Batalha de Monte Caseros**, no **Diário de Notícias**. Estava com 22 anos. Encerrou a sua fase de abordagem de História Militar tendo cursado Cavalaria no CPOR de Porto Alegre.

Integrava a ADALEME como nós, **Associação dos descendentes e afins dos Lemes**, da família de Fernão Dias Pais Lemes, o descobridor das Minas Gerais. E dos Lemes descendiam os generais Bento Gonçalves da Silva, Zeca Neto e Honório Lemes. Atividade em que dedicou horas a desenvolvê-la. Sua cabeça de menino em Piratini, antiga capital farroupilha fora incendiada por feitos militares. Em 20Set1932 deve ter escutado ao longe o pipocar da fuzilaria do combate do Cerro Alegre, onde foi aprisionado o Dr. Borges de Medeiros. Combate que encerrou o ciclo revolucionário gaúcho, que durou exatamente 97 anos, desde 20Set1835, início da Revolução Farroupilha.

Recordo que quando prestei o Admissão do Ginásio Gonzaga, conversamos longamente. Ele da calçada, e eu da janela de um sobrado, em diagonal com os fundos do Colégio Santa Margarida, na rua D. Pedro II. E junto comigo estava Lori da Rosa Krusser, escritor tradicionalista, hoje dos bons, que me guiou na obra de J. Simões Lopes Neto. Então Luiz Carlos falou-me que estava de partida para Porto Alegre para estudar no Júlio de Castilhos.

Em pouco estava fazendo reportagens ou artigos no **Eco**, do Anchieta e no **Julinho**, jornal do Júlio de Castilhos, e para a **Revista Globo**. Recordo de que, certa feita, ousadamente se meteu no meio de “um rolo” (briga) numa carreira de cancha reta, para fotografar a cena. Na **Revista Globo**, lembro de sua reportagem **Coxilhas coloradas**, em que focalizava o General Zeca Neto, primo irmão de minha avó Firmina e bisavó de Lessa e em cuja chácara passamos inesquecíveis momentos infantis.

Como estudante passava férias em Canguçu. Lembro-me de sua roupa de baile, um terno de “tuçor de seda” branco levemente azulado e do seu modo de dançar vagaroso, com os pés abertos na posição “10 minutos para as duas horas”, o que lhe valeu de seus primos o apelido de “**Carinhoso**.”

Ele já se aplicava em pesquisar cantigas populares, como esta, que costumava cantar, “**Quem tiver mulher bonita, Alexandrina. Traga presa na**

corrente, Alexandrina. Pois a minha era bonita, Alexandrina. E Jacaré a levou nos dentes”.

Outra demonstração comum sua era dedilhar um lápis sobre os dentes e dali tirar uma música. E isto fazia muito sucesso!

Quando ingressei na Escola de Cadetes em Porto Alegre em 1951, retomamos o contato. Convidou-me e visitei a sede do 35 CTG, fundado 3 anos antes, onde encontrei o piratiniense Sady Escalante, que havia cursado a Escola Técnica de Pelotas e mais o Henrique César de Oliveira, canguçuense que se consagrou como dançarino de música gaúcha e meu companheiro de noites de boemia em 1951/52. Recordo haver estado com Lessa e Paixão Cortês, seu parceiro em assuntos de danças e canções gaúchas, já com seus nomes em ascensão cultural, em bailes na Azenha e no Clube Comercial.

Nesta época, com um pequeno grupo de alunos gaúchos, procuramos Manoelito de Ornellas em sua casa, em Petrópolis, em busca de orientação para fazer algo no Casarão da Várzea, relacionado com o culto de Tradições Gaúchas. Mas a iniciativa se reduziu a uma palestra dele no Casarão da Várzea (EPPA).

Só mais tarde conhecemos que há 45 anos passados o Ten Cel Cav Cezimbra Jacques, atual patrono do MTG, ali havia fundado o **Clube Gaúcho**, em 1903, com alunos militares e civis, com o fim de cultuar as Tradições do Rio Grande do Sul. Nossas vidas então tomaram rumos diferentes. Ele foi para São Paulo e eu fui para a Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende-RJ. Só nos reencontramos cerca de 25 anos mais tarde.

Em 1983, quando era Secretário de Cultura, apoiou, prefaciou e esteve presente no lançamento de nosso citado **Canguçu, reencontro com a História**, Porto Alegre: IEL, 1983, uma síntese de uma volumosa pesquisa.

Em 10Set1996, sesquicentenário do Combate do Seival, fundamos em Pelotas, em concorrida cerimônia, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, elegendo-o como Conselheiro de Tradicionalismo, Dante Laytano de Folclore e Arthur Ferreira Filho de História.

Estivemos longo tempo juntos como convidados de Edson Otto no 1º Congresso Tradicionalista Brasileiro, em Capão da Canoa. Viajamos de Porto Alegre à Capão de Canoa juntos, quando colocamos a conversa em dia.

E no Congresso colocamos nossos ideais e idéias para o público. No nosso caso, a idéia do Instituto de História e Tradições do RGS, já vitoriosa e com um apreciável acervo de realizações. Eu como historiador gaúcho e ele fundamentalmente como filósofo do tradicionalismo gaúcho e vivendo para ver o sucesso de seu sonho que o consagrou como um dos gaúchos do século XX.

Em Canguçu, no Distrito da Armada, foi criado o Piquete Barbosa Lessa, o que o fazia muito feliz, por serem membros das famílias Mattos, Borba e Moreira, de quem descendia.

E do Piquete Barbosa Lessa recebemos três homenagens, o título de sócio benemérito, Canguçuense Emérito e Diploma pelos 70 anos, todos acompanhados de expressivos versos de autoria dos tradicionalistas e primos comuns meus e de Lessa, Moacyr Mattos e Cairo Moreira Pinheiro, hoje sócios efetivos de nosso Instituto de História e Tradições e acadêmicos da Academia Canguçuense de História.

Nosso derradeiro contato foi em 20 de setembro de 2.000, em Canguçu, em que, como homenageados especiais, fomos colocados pilchados e lado a lado,

na frente do enorme desfile. Foi tirada a foto aqui reproduzida, que foi publicada no jornal **Tradição**, de Edson Otto.

Foto em que figuram da esquerda para a direita Saul Duarte, velho e querido amigo, José Moreira Bento, meu irmão e ligado à fundação do 1º CTG em Canguçu, este que vos escreve, Barbosa Lessa, Moacyr Mattos e Cairo Moreira Pinheiro. Vê-se à direita a casa que pertenceu à minha tia Alice, que presenteou o adolescente sobrinho Luiz Carlos com o **Almanaque Literário e Estatístico do RGS**, que ali conheceu, consultou e com ele se encantou e se inspirou e o remeteu ao passado do Rio Grande!

E desfilamos um pequeno trecho até sermos convidados para o palanque oficial. Lembro de dois sofrimentos nossos. Ele calvo, com a cabeça exposta a um sol causticante e à procura da sombra tênue de uma árvore próxima, até não agüentar mais e procurar uma sombra amiga. De minha parte era um par de botas apertadíssimo, que me fora emprestado por meu irmão José, me fazendo lembrar das chinesas que comprimiam os pés para não crescerem. Não agüentei e desertei. Que alívio descalçar aquelas botas!

Foi um grande momento para os primos, um como historiador e o outro fundamentalmente como filósofo do tradicionalismo gaúcho, receberem o reconhecimento de sua gente.

Ao saber, em nossa última visita a Canguçu, pelo primo Moacyr Mattos, de seu grave estado de saúde, pensamos em homenageá-lo, de forma que ele tomasse conhecimento em vida.

E em nosso estudo **Inspirações Geopolíticas de Portugal e do Brasil no Prata e suas repercussões no Rio Grande do Sul, 1688-1900**, que será divulgado no Brasil e em Portugal, fizemos esta referência justa a Luiz Carlos, que tentei através de Cairo Moreira Pinheiro, nosso primo comum, que ele conhecesse antes de nos deixar. Eis o texto em que refiro à sua obra:

“Gaúcho primitivo, histórico e romance - evolução

Nesta época (cerca de 1737), surgiu a figura do gaúcho primitivo, branco ou um misto de índio e branco, um tipo de corsário dos pampas, sem lei e sem rei, vivendo da matança do gado alçado, monopólio do Rei da Espanha, para tirar o couro e vendê-lo de contrabando a portugueses na Colônia do Sacramento e mais tarde, a partir de 1754, em Rio Pardo.

Foram assim estes gaúchos, grandes instrumentos a serviço da Geopolítica de Portugal, que os tinha como aliados e eram combatidos pelos espanhóis. Eles facilitaram a expansão, por terra, de Portugal, no território entre Laguna e Colônia.

Com as guerras no Rio da Prata, entre espanhóis e portugueses e dos platinos contra a Espanha e depois brasileiros e descendentes e descendentes platinos dos espanhóis, o gaúcho primitivo transformou-se no gaúcho histórico, como grande soldado de Cavalaria, apto para grandes movimentos, com apoio no cavalo e no boi. O primeiro como transporte, e o segundo como alimento auto-transportável, que o supria com o couro para sua improvisada barraca e como barco para a travessia de rios da região (as pelotas). Circunstância interpretada pelo Cel BM Hélio Moro Mariante com a **Idade do Couro no Continente D’El Rey** (P. Alegre: IGTF, 1974).

Gaúcho que, depois de curadas e cicatrizadas as feridas daquelas lutas e das revoluções no Prata, deu origem ao gaúcho romance, o gaúcho tradicionalista

que cultua as tradições criadas pelo gaúcho histórico, hoje numa impressionante rede de Centros de Tradições Gaúchas espalhados pelo Rio Grande, pelo Brasil e até no exterior, a partir do 35 CTG em 1948, onde exerceu seu apostolado Luiz Carlos Barbosa Lessa, de justiça consagrado um dos gaúchos do século passado, para a glória de Piratini, seu berço accidental e para Canguçu, terra natal de seus pais e onde tomou contato com o **Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1889-1917**, que havia sido colecionado e curtido pelos seus colaboradores em Canguçu, os irmãos Franklin Máximo Moreira e Carlos Norberto Moreira (nosso avô e bisavô de Lessa). E tanto a obra impressionou Lessa que a nora de Franklin e filha de Carlos Norberto, Alice Moreira terminou por doá-la ao gaúcho do século citado, dado o seu grande interesse.

Mas penso que este movimento perdeu o sentido predominante da participação bélica do gaúcho como Sentinela do Sul e assim instrumento da Geopolítica na definição das fronteiras do Rio Grande e na defesa das mesmas. Sentido bélico que como demonstramos, Lessa iniciou sua atividade literária e que fora muito enfatizado pelo Capitão da Guarda Nacional J. Simões Lopes Neto.

Depois fundamos em 10Set1986, nos 150 anos da vitória do Seival, em Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul**, para tentar colaborar com apoio histórico ao culto das Tradições Gaúchas com apoio da História, a mãe da Tradição, as quais tendiam descambar para fantasias e desconhecer o processo histórico do Rio Grande do Sul, com identidade fundamentalmente castrense, até cerca de 20Set1932, com o citado combate do Cerro Alegre, em Piratini, último confronto armado no Rio Grande.

Quando Canguçu comemorou 200 anos de fundação, em 2000, a Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), que fundamos e presidimos, publicou a **Revista dos 200 anos de Canguçu**, na qual seu acadêmico Caio Moreira Pinheiro, secretário do Piquete Barbosa Lessa e hoje coordenador da ACANDHIS publicou o Depoimento **Tradicionalismo Gaúcho** (p.147/150), ao lado de nosso **O Decano Instituto de História e Tradições do RGS** (p. 143/146) e mais o de Armando Ecíquo Peres, que substituiu Lessa como conselheiro de Tradições Gaúchas do IHTRGS, sob o título **O MTG e o IHTRGS**. Abordagens que revelam aspectos pouco conhecidos da vida de Barbosa Lessa e da expressiva posição de Canguçu na gênese do Tradicionalismo Gaúcho.

Barbosa Lessa deixou obra literária volumosa, valiosa e variada como contista, folclorista, compositor, teatrólogo, historiador, etc. e inventariada por Pedro Leite Villas-Boas no **Dicionário Bibliográfico Gaúcho**(Porto Alegre:Est./Edigal 1991p.129/130). Neste inventário destacamos: **As mais belas poesias; História do Chimarrão; O Sentido e o Valor do Tradicionalismo; Manual de danças gaúchas; Coletânea de canções gaúchas; O Boi de aspas de ouro**(contos gaúchos); **Primeiras noções de Teatro; História e lendas do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, terra e gente; O rodeio dos ventos; Problemas Brasileiros; Calendário histórico cultural do Rio Grande do Sul; Vida e obra de Severino Sá Brito; Pequena História do Rio Grande; Nativismo, um fenômeno social gaúcho; São Miguel da Humanidade; República das carretas**(romance histórico farrapo); **O pampa e os cavaleiros; Antologia do conto gaúcho; Assim escrevem os gaúchos; Brasileiro hoje, gaúcho sempre; Rio Grande, canções, terra e povo**, etc.

Curioso que publicou em alemão, em Jul1971, no **Serra Post Kalender**, artigo Due prozession des Azambuja. Fato baseado em Canguçu, num personagem popular conhecido, Etelvino Azambuja, que havia sido sacristão da igreja local e era um fascinado pela oratória e tinha por ídolo Silveira Martins, cujas tiradas oratórias repetia com pompa e circunstância e assim desfrutava conceito de sábio na região da serra para os lados de Canguçu Velho, antiga sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu, 1783/89.

Sendo a sua região atingida por forte seca, ele marcou para seu povo uma procissão até a vila de Canguçu, pedindo aos céus uma forte chuva para abrandar a seca. Formada a procissão, ao chegarem próximo de Canguçu desabou um forte temporal. Milagre! Milagre!

E o conceito de Azambuja de sábio e de mediador entre a terra e o céu aumentou. Mais tarde um amigo perguntou-lhe como explicava aquele fato considerado um milagre. E ele confidenciou ao pé ouvido do amigo. Eu não adivinhei! Marquei a procissão para o dia em que o **Almanaque do Pensamento** registrava que iria chover. E não deu outra!

DEPOIMENTO DE CAIRO MOREIRA PINHEIRO

(Membro efetivo do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e seu Delegado em Pelotas/Canguçu e Piratini, acadêmico coordenador da Academia Canguçuense de História e Secretário, e animador cultural do Piquete Barbosa Lessa, da Armada).

LUÍS CARLOS BARBOSA LESSA(N. 13/12/1929 - M. 11/03/2002)

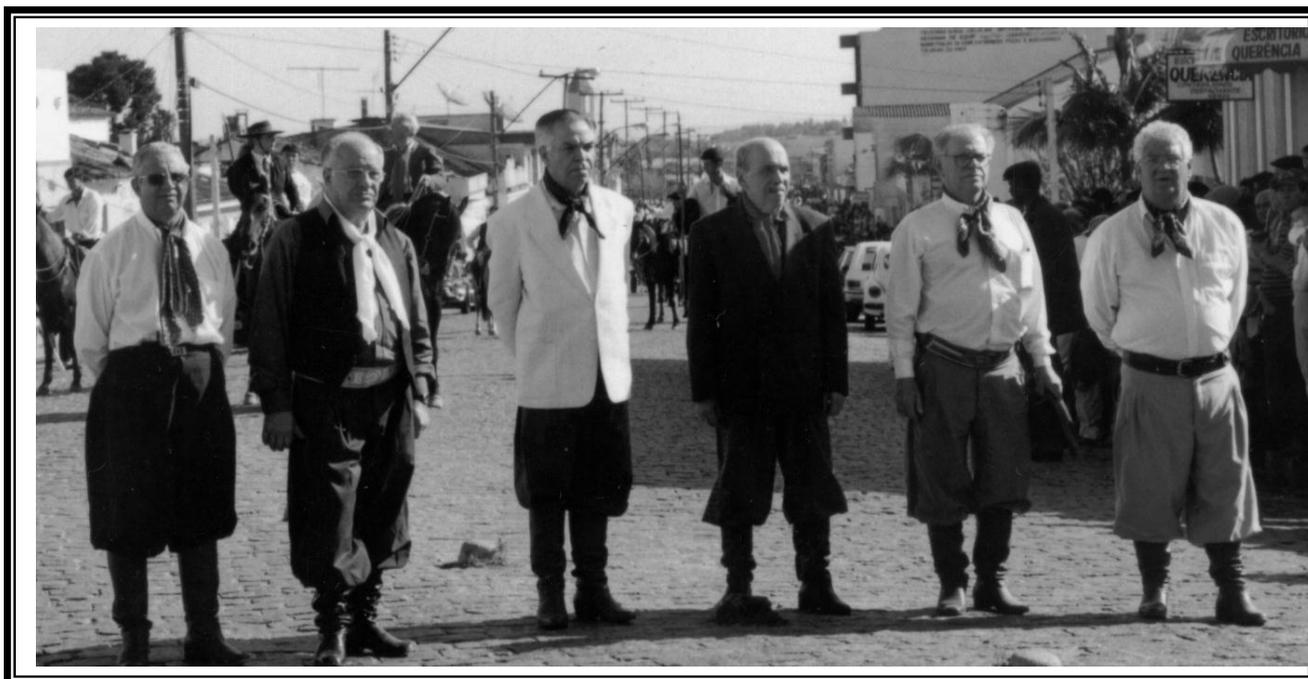
Barbosa Lessa, jornalista, escritor, ensaísta, folclorista, historiador, advogado e ex-secretário da Cultura do RS –um dos pioneiros na pesquisa e divulgação das tradições e da cultura destes pampas– sempre analisava os caminhos do tradicionalismo gaúcho e os impactos deste movimento, que tem sua base nos valores, nas lides e nos personagens da história rio-grandense, e sobre a cultura e a própria identidade deste Estado e de sua gente. Sempre destacava a singularidade do gaúcho e a importância das professoras primárias e dos CTGs na disseminação da cultura do nosso povo.

Outro assunto de todos os encontros era “**O sentido e o valor do tradicionalismo**” sua tese aprovada no 1º Congresso Tradicionalista em 1954.

Dizia-me Lessa:

“É sumamente necessário que o tradicionalismo ampare social e moralmente o homem do campo, para que um dia não se chegue à situação paradoxal de uma tradição de fantasia, em que se cantem hinos de louvor ao “monarca das coxilhas”, ao “centauro dos pampas”, e em realidade esse gaúcho seja um desajustado social, um pária lutando febrilmente pela própria subsistência. Precisamos mostrar às novas gerações que as tradições gaúchas são realmente belas e que o gaúcho merece realmente a nossa admiração. O tradicionalismo pode contribuir de maneira inestimável para a solução do problema do êxodo rural. Prestigiando as tradições gaúchas, e prestando assistência moral e social ao homem do campo, estará convencendo o campesino da dignidade e importância de seus status. Estará, em suma, pondo em prática aquilo que o sanitaria Belizário Penna um dia salientou, mais ou menos nestes termos: O Brasil é o país onde mais se fala em valorização. Valorização do café brasileiro, do dinheiro brasileiro, do boi brasileiro. Somente não se pensa na mais urgente e importante valorização — a do Homem brasileiro — a qual, por si só, estaria conduzindo a todas as outras”. Continuaremos lembrando quanto ressuscitaste para nós o brilho das jóias que tornam melhor o pago,

mais esclarecido o Rio Grande do Sul e o Brasil, mais confiantes, solidários e cordiais os seus filhos. Muita saudade, nosso irmão de fé!... Um dos 20 gaúchos que marcaram o século XX.



DESFILE DE 20 de SETEMBRO DE 2.000 EM CANGUÇU -RS

Comissão de frente do desfile tradicionalista em Canguçu de 20 de setembro de 2.000. Da esquerda para a direita; Saul Duarte (conselheiro do Piquete Barbosa Lessa); José Moreira Bento (tabelião e benemérito do Piquete Barbosa Lessa, um dos fundadores, em 17Nov1957 do CTG Barbosa Lessa, que evoluiria para GTG Sinuelo); Cel Cláudio Moreira Bento (Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS e da Academia Canguçuense de História); Luís Carlos Barbosa Lessa, filósofo do tradicionalismo gaúcho e consagrado como um dos 20 gaúchos do século XX; Moacyr Pereira de Mattos, fundador, em 1981, na Armada, e atual presidente do Piquete Barbosa Lessa e acadêmico da Academia Canguçuense de História e Cairo Moreira Pinheiro (Acadêmico coordenador da Academia Canguçuense de História, sócio efetivo dos Instituto de História e Tradições do RGS e secretário e animador cultural do Piquete Barbosa Lessa e que confortou Lessa em seus últimos dias de vida e representou o IHTRGS e a ACANDHIS em seu sepultamento.

Criamos na Academia Canguçuense de História a cadeira Luiz Carlos Barbosa Lessa, que foi inaugurada pelo historiador, tradicionalista e genealogista da família Barbosa em Canguçu Geder Luiz Goularte Barbosa, E tivemos a honra de presidir a sua cerimônia de posse, na qual apresentou belo e denso trabalho biográfico de seu patrono de cadeira. Barbosa Lessa é cultuado em memorial especial em Piratini e sua biblioteca foi adquirida pela Prefeitura de Camaquã.



O Acadêmico Geder Luiz Goulart Barbosa que inaugurou a cadeira da ACANDHIS Luiz Carlos Barbosa Lessa com expressiva e densa oração e que continuará mantendo acisa e viva, a memória do filósofo do tradicionalismo gaúcho. Na foto sendo cumprimentado pelo Coronel Claudio Moreira Bento, presidente da ACANDHIS que tem como patrono seu pai Conrado Ernani Bento que figura na maior foto atrás e abaixo dele seu pai Cel GN Genes Gentil Bento que foi intendente de Canguçu de 1905-1916. Ao lado aplaudindo a acadêmica Vanja Rocha Wiskow, que em álbuns fotográficos registrou a história da ACANDHIS e a sua esquerda a acadêmica Ivete Possas da Silveira.